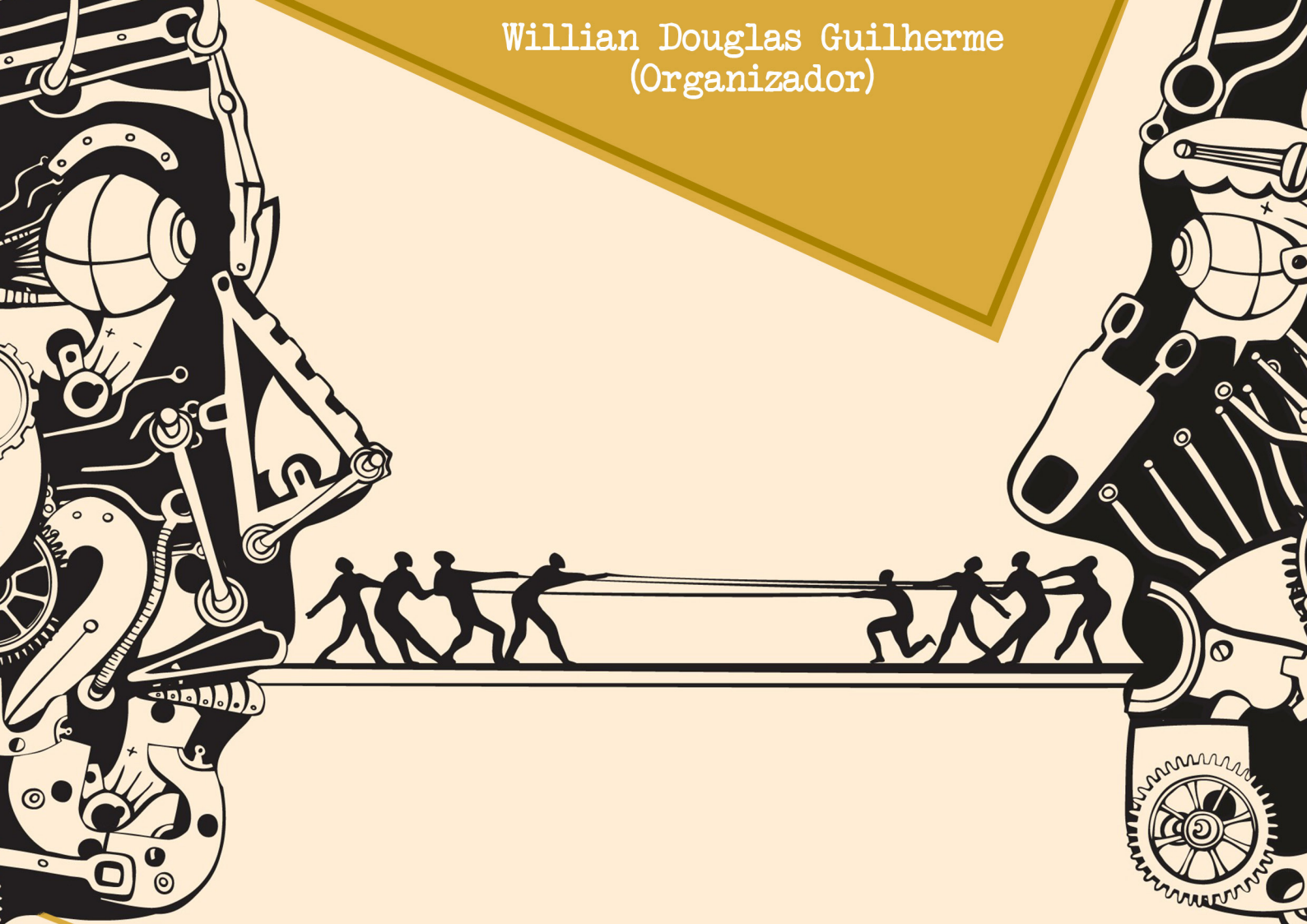


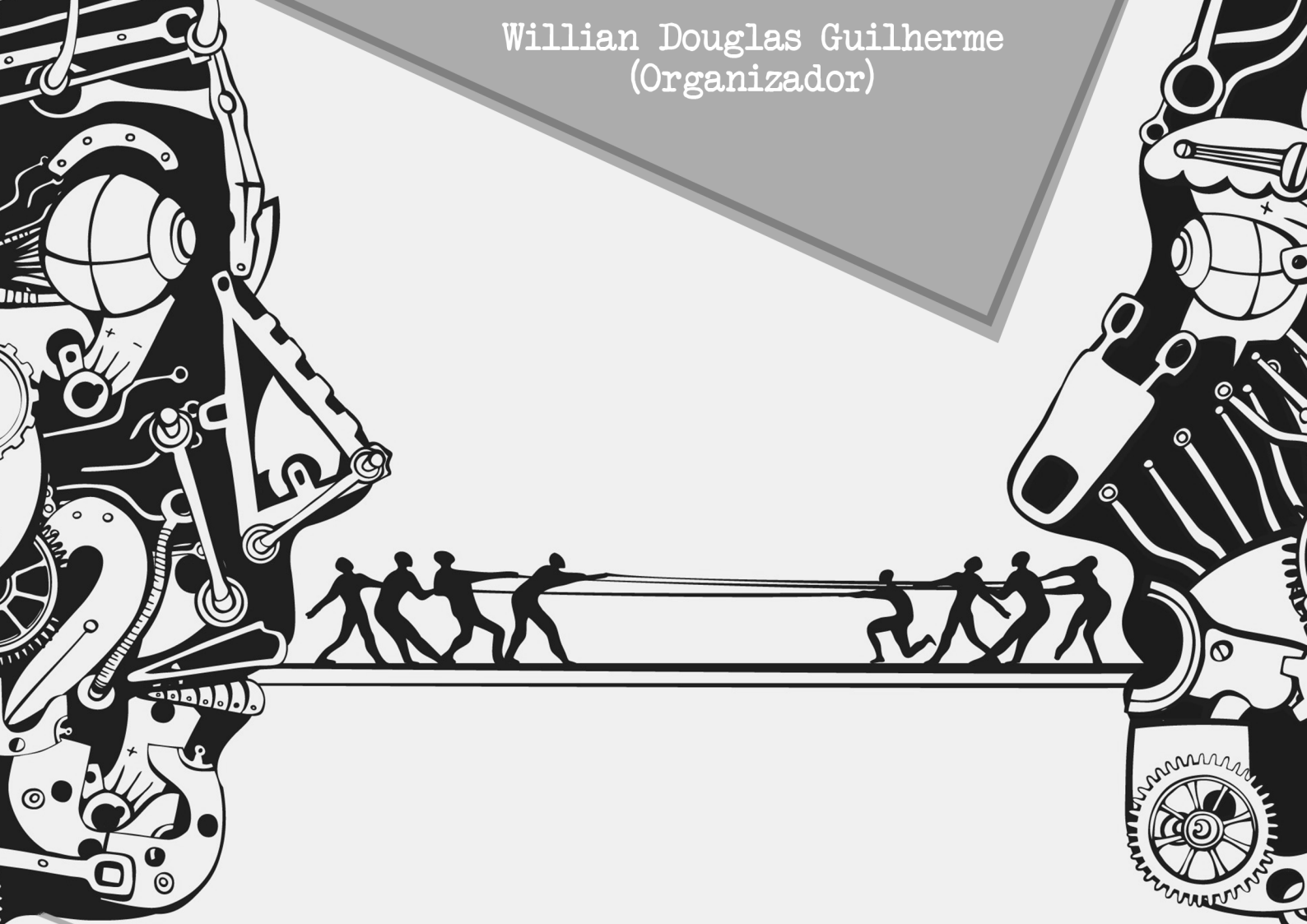
Willian Douglas Guilherme  
(Organizador)



# Filosofia: Aprender e Ensinar

 **Atena**  
Editora  
Ano 2019

Willian Douglas Guilherme  
(Organizador)



# Filosofia: Aprender e Ensinar

**Atena**  
Editora  
Ano 2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Lorena Prestes  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

| <b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)<br/>(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b> |   |
|---|---|
| F488  | Filosofia [recurso eletrônico] : aprender e ensinar / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019.<br><br>Formato: PDF<br>Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.<br>Modo de acesso: World Wide Web.<br>Inclui bibliografia<br>ISBN 978-85-7247-683-6<br>DOI 10.22533/at.ed.836190710<br><br>1. Filosofia. 2. Fenomenologia. 3. Indústria cultural. I. Guilherme, Willian Douglas.<br><br>CDD 142.7 |
| <b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>   |   |

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

O livro “Filosofia: Aprender e Ensinar” reúne 13 artigos de pesquisadores de diversos estados brasileiros. O objetivo em organizar este livro foi o de contribuir para o campo educacional e das pesquisas voltadas aos desafios atuais da filosofia aplicada a educação.

Deste modo, a obra traz um conjunto de dados e informações que propõe contribuir com a prática educacional em todos os níveis de ensino, sobretudo, assuntos relativos à interdisciplinaridade na filosofia, ensino de filosofia, filosofia e a educação infantil, práticas inclusivas, fenomenologia e indústria cultural.

Vale a penas visitar o índice e percorrer os 13 artigos que nos convidam a um debate crítico e saudável na prática da filosofia e/em/na educação.

Entregamos ao leitor a obra “Filosofia: Aprender e Ensinar” na intenção de divulgar o conhecimento científico e cooperar, por meio do conhecimento e prática filosófica, com a construção de uma educação cada vez melhor.

Boa leitura!

Willian Douglas Guilherme

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>CAPÍTULO 1</b> .....   | <b>1</b>  |
| DISPOSITIVO DO APRISIONAMENTO E O DISPOSITIVO DA INFÂNCIA   |           |
| Danyelen Pereira Lima   |           |
| DOI 10.22533/at.ed.8361907101   |           |
| <b>CAPÍTULO 2</b> .....   | <b>11</b> |
| A INTERDISCIPLINARIDADE NA FILOSOFIA: COMO TRABALHAR A CIÊNCIA DA ASTRONOMIA COM A FILOSOFIA PARA AUXILIAR NA REFLEXÃO SOBRE O EU |           |
| Carlos Alexandre do Nascimento  |           |
| DOI 10.22533/at.ed.8361907102   |           |
| <b>CAPÍTULO 3</b> .....   | <b>22</b> |
| O ENSINO DE FILOSOFIA E O DES-COBRIMENTO DO OUTRO   |           |
| Gregory Rial  |           |
| DOI 10.22533/at.ed.8361907103   |           |
| <b>CAPÍTULO 4</b> .....   | <b>34</b> |
| FILOSOFIA COM CRIANÇAS? AS ERRÂNCIAS DE UMA DISCIPLINA EXPERIÊNCIA  |           |
| Ana Paula da Rocha Silvares   |           |
| Edeny Gomes Furini  |           |
| Jair Miranda de Paiva   |           |
| DOI 10.22533/at.ed.8361907104   |           |
| <b>CAPÍTULO 5</b> .....   | <b>47</b> |
| “FILOSOFIA COM CRIANÇAS”: POTENCIALIZANDO CURRÍCULOS E COTIDIANOS NAS ESCOLAS   |           |
| Cristiane Fatima Silveira   |           |
| Giovana Scareli   |           |
| DOI 10.22533/at.ed.8361907105   |           |
| <b>CAPÍTULO 6</b> .....   | <b>63</b> |
| COM AS CRIANÇAS, O DELÍRIO DO VERBO: TECENDO DIÁLOGOS E POESIAS   |           |
| Ana Isabel Ferreira Magalhães   |           |
| Cristiana Callai de Souza   |           |
| DOI 10.22533/at.ed.8361907106   |           |
| <b>CAPÍTULO 7</b> .....   | <b>77</b> |
| (DES)VELANDO E (RE)SIGNIFICANDO DE SENTIDOS PARA UMA EDUCAÇÃO ESPECIAL INCLUSIVA ATRAVÉS DA BRINQUEDOTECA HOSPITALAR              |           |
| Ana Karyne Loureiro Furley  |           |
| Hiran Pinel   |           |
| Vera Lúcia de Oliveira  |           |
| Vitor Gomes   |           |
| DOI 10.22533/at.ed.8361907107   |           |
| <b>CAPÍTULO 8</b> .....   | <b>88</b> |
| ATELIÊ DE ESCRILEITURAS CONATUS   |           |
| Josimara Wikboldt Schwantz  |           |
| Carla Gonçalves Rodrigues   |           |
| Ana Paula Freitas Margarites  |           |

DOI 10.22533/at.ed.8361907108

|   |            |
|---|------------|
| <b>CAPÍTULO 9</b> .....   | <b>97</b>  |
| FAVELA E ONG – PRÁTICAS PARA ALÉM DO MEDO E DA ESPERANÇA                        |            |
| <a href="#">Renata Tavares da Silva Guimarães</a>                               |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.8361907109</b>  |            |
| <b>CAPÍTULO 10</b> .....  | <b>110</b> |
| A SUBJETIVIDADE COMANDADA E A JUSTIÇA INSTITUÍDA                                |            |
| <a href="#">Márcia Bárbara Portella Belian</a>                                  |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.83619071010</b>   |            |
| <b>CAPÍTULO 11</b> .....  | <b>122</b> |
| DEUS, JUSTIÇA E A LINGUAGEM DO AMOR ÉTICO EM EMMANUEL LÉVINAS E HERCULANO PIRES |            |
| <a href="#">Rogério Luís da Rocha Seixas</a>                                    |            |
| <a href="#">Edson Santos Pio Júnior</a>   |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.83619071011</b>   |            |
| <b>CAPÍTULO 12</b> .....  | <b>132</b> |
| FENOMENOLOGIA DO ROSTO EM EMMANUEL LEVINAS                                      |            |
| <a href="#">Abimael Francisco do Nascimento</a>                                 |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.83619071012</b>   |            |
| <b>CAPÍTULO 13</b> .....  | <b>143</b> |
| NOTAS PARA PENSAR A INDÚSTRIA CULTURAL NA ERA DIGITAL                           |            |
| <a href="#">Deborah Christina Antunes</a>                                       |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.83619071013</b>   |            |
| <b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....  | <b>154</b> |
| <b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....   | <b>155</b> |



## FILOSOFIA COM CRIANÇAS? AS ERRÂNCIAS DE UMA DISCIPLINA EXPERIÊNCIA

### Ana Paula da Rocha Silveiras

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)  
Mestranda do Programa de pós-graduação em  
Ensino na Educação Básica  
São Mateus – ES

### Edeny Gomes Furini

Secretaria Estadual de Educação (SEDU)  
São Mateus – ES

### Jair Miranda de Paiva

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)  
Programa de pós-graduação em Ensino na  
Educação Básica  
Centro Universitário Norte do Espírito Santo  
(Ceunes)  
São Mateus – ES

Este texto é a reescrita de artigo submetido e publicado nos Anais do IX Colóquio Internacional de Filosofia e Educação/Filosofia e educação em errância: inventar escola, infâncias do pensar, promovido pelo Nefi - Núcleo de Estudos de Filosofias e Infâncias, ligado ao Programa de Pós-graduação em Educação/PropEd, da UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro). O núcleo tem a coordenação do Prof. Dr. Walter Omar Kohan.

“- E vamos onde?

- Há-de-se ver”

(Mia Couto).

**RESUMO:** Este texto tem por objetivo descrever errâncias de uma filosofia para e com crianças

na rede municipal de educação de São Mateus, ES, bem como relacionar vivências que configuram a experiência filosófica da/na e com as infâncias, a partir dos olhares e movimentos de duas professoras pedagogas. Num trajeto que se pretende mais errante que cronológico, visam trazer, como num relato de experiência, um recorte dos acontecimentos que se configuraram nesse espaço-tempo da educação com a infância. Narram-se os encontros e rupturas com o familiar educativo, com as imposições pedagógicas das organizações escolares que já não sustentam uma ideia de educação para a liberdade e para a emancipação. Tomando como referenciais teóricos Kohan, Lipman, Masschelein e Larrosa, buscamos dialogar com as distâncias e aproximações que a educação, a filosofia e a infância vivenciam há duas décadas em seus percursos no ensino infantil municipal. Pensamos a filosofia com crianças como o espaço de inconformismo com as continuidades fixas, como o lugar de um ir e vir cuja experiência filosófica se configura na abertura para o necessário, para o encontro onde uma outra forma de ser e viver a educação emerge na resistência enquanto disposição para a atenção e a ação que desloca o olhar e as vivências, resistência como um compromisso com uma escola pública que dialogue com as infâncias em seus territórios. É este um espaço de experiência e como tal, inacabado, sem a



pretensão de apontar caminhos, mas sugerir que estamos sempre em viagem.

**PALAVRAS-CHAVE:** Filosofia; Infância; Errância; Experiência.

## PHILOSOPHY WITH CHILDREN? THE ERRANTIES OF ONE DISCIPLINE EXPERIENCE

**ABSTRACT:** This text aims to describe the displacement of a philosophy for and with children in the municipal network of education of São Mateus, ES, as well as to relate experiences that configure the philosophical experience of / in and with childhood, from the looks and movements of two teachers pedagogues. In a path that is intended to be more erratic than chronological, they aim to bring, as in an experience report, a clipping of the events that were configured in this space-time of education with childhood. The meetings and ruptures with the educational relative are mentioned, with the pedagogical impositions of the school organizations that no longer support an idea of education for freedom, for emancipation. Taking Kohan, Masschelein and Larrosa as a theoretical reference, we seek to dialogue with the distances and approaches that education, philosophy and childhood have experienced for two decades in their courses in municipal infant education. We think of children's philosophy as the space of nonconformity with fixed continuities, as the place of a coming and going whose philosophical experience is configured in the opening to the necessary, to the encounter where another way of being and living education emerges in the resistance as a provision for attention and action that shifts the gaze and experiences, resistance as a commitment to a public school that dialogue with the childhoods in their territories. This is a space of experience and as such, unfinished, without the pretense of pointing out ways, but suggesting that we are always on the road.

**KEYWORDS:** Philosophy; Childhood; Displacement; Experience.

### 1 | QUANDO TUDO ERA BEIRA... O DESASSOSSEGO

Quando nos apercebemos, os borrões de poeira que acumulamos paradas (os) à beira da estrada já nos tinham encoberto os pensamentos, as vontades e sonhos, deixando em nós apenas nódoas de uma lembrança, de uma ilusão do que poderia ser. Estávamos em uma caminhada que, apesar de nossa, tinha o destino traçado por outros e planos que nos eram alheios.

O roteiro emprestado poupava-nos a busca por novos destinos, era seguro, sem imprevistos, mesmo as bagagens não nos pertenciam, apenas o peso continuava em nós depois das tentativas de um fazer que percebíamos em esvaziamento. Chegar ao destino sempre com a mesma sensação tornou-se uma inquietude. Era preciso livrar-se da poeira se quiséssemos nos expor ao chão, era urgente eliminar o peso na força da estrada descoberta. Precisávamos de um caminhar errante que, ao superar os guias de percursos, nos possibilitasse a experiência, transformando

os trajetos e a nós mesmas.

Quando pensávamos nas distâncias que a educação e a infância tomaram, a perspectiva de proximidade tornou-nos conscientes de nosso estado de desapropriação. Tornamo-nos estrangeiras (os) na terra que habitávamos, pelo exílio a que nos forçamos, distanciando-nos do habitar seguro pela própria estranheza do familiar.

O que tínhamos não era nosso e já não pertencíamos a lugar algum, a coisa nenhuma. Sem chão nos permitimos errar e admitimos na errância um status de não pertença, em que possuir se constituía em descontentamento. O sedentarismo educacional apresentou-nos infâncias inativas, cujo ensino modelar deforma e conforma, despojando-as da possibilidade dos começos, da resistência criadora. Ainda à beira da estrada acumulávamos ilusões dos caminhos que a prática do sobrevoos nos permitia.

Percebíamos os contornos, sem nos expor ao percurso. Era urgente deslocar. A identidade de professor tornou-se insatisfatória. Ser educador apresentou-se como um enigma. Errar! E, como nômades, nos (des)encontramos com a educação, com a filosofia e a infância e estamos nessa viagem há duas décadas.

E, nesse ponto do caminho, nos esforçamos em saber quais distâncias e aproximações educação, filosofia e infância vivenciaram (e ainda vivenciam, esperamos) nos percursos do pensar e saber no ensino infantil em São Mateus, ES. Propomo-nos, assim, a relatar/relacionar as experiências que configuraram a filosofia para/com crianças na rede municipal de ensino. Os diários de bordo das errâncias nesses trajetos nos fazem perceber o deslocamento como princípio na produção de tempos e espaços que sustentaram a busca de ser e estar diferente, o pensar e praticar de outra maneira, o estar inacabado que a infância fundamenta, a filosofia potencializa e a educação... possibilita?

A educação, tempo-espaço próximo, seguro, não bastava, não satisfazia. Tornou-se insuficiente o familiar, havia algo de ausência em tanta presença. Insatisfeitas, com Larrosa (2002) compreendemos o esvaziamento como requisito para a experiência, em que a interrupção que esta requer nos expõe a espaços indeterminados, e neles o padecer e a oportunidade para os acontecimentos.

Quem se expõe deve nutrir a atenção e estar em movimento, esvaziando-se, insatisfeito com a realidade educacional e social, assim Kohan (2016) nos provoca com a figura do errante que para ensinar e aprender se educa. Tornando possível o que está sendo, Masschelein (2008) também contribui com esse relato, enfatizando o caminhar como um deslocamento do olhar que propicia a experiência como uma espécie de trilha na passagem pela estrada.

### **1.1 A estrada – Voar ou Caminhar?**

A estrada de nossa errância nos foi apresentada em 1998, quando conhecemos a filosofia com os infantes na escola. A rede municipal de São Mateus soube que

uma professora de Educação Infantil ousou sair dos “trilhos” admitindo o caminhar no romper com a rotina, com o regular. Como errante, ela se aproxima do que Kohan nos ensina:

Encontra sua vida nas viagens, no estar de viagem, a caminho, entre dois pontos, os dois igualmente insatisfatórios, como lugares de residência para alguém tão inquieto. De viagem se sente em casa, a caminho para um novo projeto, para um novo começo, para uma nova vida (KOHAN, 2016, p. 329).

Em seus movimentos de distanciar-se e aproximar-se foi conhecendo outros viajantes que desejaram e se aventuraram em errar na educação e na infância pelas vias de uma filosofia para crianças, um convite a andar para ensinar, para aprender.

A finalidade dessas viagens? Conhecer e vivenciar as propostas de uma educação que privilegiasse a participação ativa dos sujeitos na produção e desenvolvimento do conhecimento, no envolvimento e comprometimento com um ensino-aprendizagem emancipador das inteligências pelo diálogo e pensar investigativo, crítico e cuidadoso, conforme a formulação do criador do Programa Filosofia para Crianças, o estadunidense M. Lipman (1990).

Aceitar a filosofia para/com crianças como a estrada de nossa errância nos tornou exilados em nosso habitar. Estranhos e sem lugar, procurávamos outra forma de nos relacionar com a educação e a infância, um modo que nos permitisse deslocar-nos no e do lugar onde estávamos.

No final do século XX éramos 06 professoras nesse movimento de estranheza, nos afastando do ordinário, na busca por uma nova identidade para a educação e a infância no município. Fizemo-nos desbravadores no exercício do pensar outras formas de ser e estar educador.

No início do século XXI nos tornamos 50, depois 82 professores da educação na infância a buscar a distância por falta de solo, de lar (especificamente, como mostraremos no item 2, com a aproximação com a Universidade, através de cursos de extensão e eventos). Figuras errantes do educador “[...] que não se conforma com um estado de coisas ou alguém para quem as coisas não têm estado fixo, mas que busca interromper e tornar possível a continuidade do que está sendo [...]”, conforme caracteriza Kohan (2016, p. 330), na descrição do fazer e ser professor em Simón Rodríguez.

Em 2011, novos viajantes, outros andantes se somam, cultivando a atenção do olhar a um programa de filosofia para/com crianças que ensaiava fundamentos no currículo da educação básica do município. Em 2016, 17 estrangeiros fixaram-se nos abrigos da disciplina<sup>1</sup>, tornando-se nativos na reconstituição da existência dessa

---

1 Referimo-nos aqui aos aprovados em concurso público para professor de filosofia com crianças da educação infantil e ensino fundamental (primeiro ciclo) na rede municipal de São Mateus. Fato inédito no país, até onde pudemos apurar. Ao abrigo: expressamo-nos dessa forma para distinguir do momento precedente, em que havia projetos em escolas isoladas, ao sabor de ingerências políticas de ocasião. Em que pese termos consciência de ‘tudo que é sólido também pode se desmanchar no ar, consideramos da mais alta relevância tal iniciativa da Prefeitura Municipal de São Mateus.

“errância” – desse corpo de acontecimentos a possibilitar o movimento consciente em direção a uma mudança/transformação entrevista, por ser necessária e urgente.

A necessidade de viajar, experimentar a perspectiva exterior e distante nos inquietou, nos expôs. *Voando*, víamos como a filosofia para/com crianças penetrava os espaços da educação infantil em São Mateus. Como ela foi se desdobrando, encontrando espaços e ganhando voz e vez. Os que *voavam* trouxeram os planos de uma filosofia para/com crianças através de formações continuadas, de encontros e planejamentos coletivos.

As novelas<sup>2</sup> e seu programa metodológico tornaram a viagem ordenada, identificada, acessível. Para todo voo um plano. Programas de ensino, planos de curso, planejamentos. Mas, também experimentávamos a filosofia para crianças em São Mateus nos gestos de interrupção propostos, impostos, expostos. Interrupção que, segundo Larrosa (2002, p. 24):

É um parar e sentir mais devagar, é demorar nos detalhes e suspender toda a vontade e o automatismo das ações e sensações, tornando-nos território de passagem, como um lugar que recebe o que chega e que, ao receber, lhe dá lugar.

A filosofia na e com a infância é submetida a razões e intenções dos sujeitos e suas regularizações. A estrada parece ganhar prismas de concreto. Inquietação, insatisfação, resistência. O que se fez experiência se apodera da estrada e a filosofia para/com crianças desloca o nosso olhar e, na evidência das muretas, embarcamos em busca de oportunidade, agora na intensidade, na qualidade do caminhar.

## **2 | A FILOSOFIA ULTRAPASSA OS MUROS, E VAI OLHAR OUTROS MUNDOS... UM DESBRAVAR QUE PENSÁVAMOS SER SOLITÁRIO!**

Estrada demarcada, sinalizado o caminho, à espera de um devir nos aponta os caminhos já percorridos e aqueles a percorrer e, quando se pensa que tudo se acomodou, eis que novos movimentos ocorrem e o todo toma novas formas.

Nossos inícios com e na filosofia para crianças aconteceram em escolas particulares na cidade de São Mateus, onde tivemos o primeiro contato com novos saberes sobre o pensar.

Descrentes e avessas aos Estados Unidos, não querendo acreditar que deste lugar viesse algo que faria bem à educação, percebemos surgir daquelas estradas o caminho do pensamento que deslocaria o nosso olhar para pensar criança, educação, infância na escola.

Como momento de escuta, observação, atenção e crítica pessoal, a fim de experimentar novos fazeres e saberes em educação, a professora Edeny Gomes

---

2 Gênero literário que apresenta a reconstrução da história da filosofia ocidental de forma significativa e acessível ao pensar e dialogar das crianças em idade escolar. Escritas por Lipman e colaboradores, são acompanhadas de um manual para uso dos docentes, constituindo oito fascículos do Programa da Filosofia para crianças mundialmente conhecido.

Furini se propõe errar, na inspiração posterior que haurimos de Kohan (2016, p. 330), na qual o filósofo destaca: “[...] se esvazia em sua errância. *Ela* não olha o mundo a partir de uma posição de saber, mas o faz sensível aos saberes do mundo.” Era o ano de 1994.

Conhecer a metodologia de Lipman, no ano de 1994 iria mexer com os meus brios de professora. Levou-me à faculdade para completar alguma coisa que agora julgava meio incompleta... minha formação profissional estava a meio do caminho. Tomar este novo rumo levava-me a percorrer caminhos ainda muito novos que me pareciam um campo minado, mas muito interessante. Pensar sobre a vida e outros conceitos que julgava tabu até para os adultos, e com as crianças de apenas oito anos de idade, parecia-me impossível, mas eles pensavam. E adoravam as aulas de filosofia! (FURINI, professora e pedagoga).

A outra errante, por sua vez, desloca seu olhar e seu fazer ao ouvir que outros tinham seguido viagem e que este caminhar era um movimento de afastamento dos caminhos que o pensar já havia trilhado e que a única promessa era um vagar voluntário, em que o sujeito se propõe sair do abrigo na busca por outra forma de se relacionar com a educação.

Errar se configura, então, numa postura de ausência presente e uma disposição de movimento, distanciamento do conhecido. “Para aprender e ensinar, é importante estar atento, e em movimento. Não esperar, nem ficar. Chegar e sair” (KOHAN, 2016, p. 329).

Ciente da necessidade e urgência em *encontrar um fundamento novo, um habitar* que abrigasse novas memórias, promovendo um esquecimento que surge das lembranças do que a trouxe até aquele exato ponto da viagem, a professora não espera – o ano? 2006.

Estar na sala de aula como estávamos não era certo. Fazíamos parte das escolas mais bem quistas pela sociedade mateense. Tínhamos a pretensão de estar oferecendo uma educação que superava a qualidade dos outros espaços educacionais do município, mas o que de diferente, nós realmente fazíamos? Ainda em formação pensava que o que me faltava era mesmo a licenciatura, então alguém me apresentou a filosofia com crianças como uma oportunidade de me encontrar como a educadora que eu queria ser, que eu acreditava que deveria ser (SILVARES, professora e pedagoga).

Pensar a educação na infância tornou-se o caminho. Lugar onde a experiência é a mobilidade, onde a viagem do próprio pensamento se faz experiência. Era preciso se aproximar da educação pelo distanciamento que ela promovia em nós. Era necessário viajar, assumir errar.

Nós buscávamos um habitar, um lugar em que fôssemos estranhos e este a nós, um lugar sem pertença. Era preciso sair do lugar seguro, da origem e experimentar como necessidade a estranheza. Era forçoso nos colocar longe de nossos nascimentos educacionais.

Precisávamos de uma educação que nos mantivesse distantes, imersos nas estranhezas originárias, no qual o familiar não satisfaz, em que as proximidades só se justificam se for para impulsionar o ir mais longe possível. A filosofia para e com

crianças se revelou esse lugar, esse tempo em que buscávamos a falta de chão e de familiaridade que as bases do ensino e aprendizagem nos apresentavam, as ausências que em nós também se configuravam no espaço. Precisávamos do exílio, pois o abrigo próximo à fonte tornava-nos acomodadas, propagadoras de raízes, podadoras de asas.

Manter a distância era, sobretudo, a busca por experiência. Em nós o desejo de uma filosofia para/com crianças pulsava intensa e persistentemente; não aceitávamos as limitações político-educacionais à qual a educação estava reduzida, fluindo em cada uma a “sensibilidade para pensar e viver aberto inteiramente a revolucionar uma realidade educacional e social marcada pela exclusão e a submissão” (KOHAN, 2016, p. 330).

A viagem se torna uma necessidade para vivermos um tempo de experiência (s). Era preciso ir mais além, atravessar os limites, resistir à conformidade.

Na faculdade novos desejos foram aparecendo, e um deles foi o de experimentar trabalhar a filosofia para crianças na escola pública e em 1998 a oportunidade apareceu, e lá fui eu em Nova Esperança<sup>3</sup>, querendo provar para mim mesma que as crianças de classes menos favorecidas podem pensar tão bem ou melhor do que as crianças das escolas particulares, se conseguissem ter acesso às mesmas oportunidades que são oferecidas por uma educação de qualidade. E lá fui eu trabalhar na Associação Nova Esperança, que na época administrava a Educação Infantil oferecida nas creches e pré-escolas do município. E foi ali, naquele espaço que surgiu o desafio de dar início ao Projeto de Filosofia para Crianças, com a finalidade explícita de estabelecer um diálogo com/entre as crianças e os profissionais daquele lugar (FURINI, professora e pedagoga).

Uma experiência de afastamento, de desvios, de distanciamento. Iniciávamos nossas experiências de regresso, de manutenção do vínculo com as origens. Viajar mantendo um vínculo com aquilo que nos é próprio, um diálogo com a memória como espaço da conversa, da correspondência entre o esquecer e o lembrar, entre o ir e o voltar.

Era urgente *adquirir distanciamento crítico*. Uma *relação diferente com o presente* nos expõe, nos convoca a *suspender os julgamentos* e a nos empenhar em uma prática de liberdade – a libertação do olhar. “Caminhar, então, é uma prática crítica envolvendo uma atitude-limite que nos transforma, não ao nos tornar conscientes, mas sim ao fazer com que prestemos atenção” (MASSCHELEIN, 2008, p. 39/40).

A intensidade e a qualidade com que a filosofia para/com crianças se deu nos espaços da educação na Associação Nova Esperança deslocou o nosso olhar com demasiada atenção para aquele ponto do caminho que o pensamento estava se expondo.

A partir do resultado positivo percebido nas escolas que ali funcionavam, o

---

<sup>3</sup> Associação de Moradores criada em 1970 por um casal de missionários italianos em São Mateus, norte do Estado do Espírito Santo. Uma instituição que presta atendimento pleno a crianças e adolescentes em situação de risco social, proporcionando-lhes educação em período integral.



estranhamento desloca o olhar e aponta a necessidade de pôr a filosofia em movimento, de ultrapassar aquele espaço e ir pairar em outras escolas de educação infantil do município. Surgiu, assim, a ideia de se trazer o módulo “Rebeca” e o Centro Brasileiro de Filosofia para Crianças a São Mateus, pois, nesse ponto da errância, muitas professoras de educação infantil percebiam o quanto a postura filosófica poderia contribuir com a formação do pensamento da criança. Iniciava-se um movimento que encontra eco nas palavras de Kohan (2016, p. 327), ao nos mostrar que “[...] fazer escola é restituir o que é próprio aos despossuídos”.

A necessidade de nos sentir desapropriados nos impulsionou a buscar novo chão. Uma nova forma de estar educador surge. Assim, em parte com apoio da Associação Nova Esperança, em parte custeado pelas próprias professoras, que se propuseram a pagar para conhecer as errâncias de alguém que, distante das origens, lhes apontaria os vínculos com o abrigo, lhes daria “maior embasamento” referente ao movimento inicial da Filosofia na Rede Municipal de Ensino, são promovidos encontros de formação:

Na realidade, nem eu cria que alguém só com o curso de pedagogia pudesse promover este arrulhar filosófico que estava dando início na educação pública municipal. Isto aconteceu em 2005, com 50 professoras participando dessa formação, e desde esse tempo para cá o movimento veio tomando proporções que eu não julgava possíveis. Foram promovidos outros dois momentos com os monitores vindos do Centro Brasileiro de Filosofia com Crianças, com os módulos Rebeca, Issao e Guga, Pimpa e não parou por aí. Algumas unidades de educação infantil ousaram iniciar o trabalho com as crianças. A princípio foi o Centro de Educação Infantil Municipal (CEIM) Paraíso Infantil, Santo Antônio e as notícias do sucesso eram desejadas por todos os CEIMs (FURINI, professora e pedagoga).

As nossas errâncias foram se caracterizando pela ruptura e insatisfação com o estado que as coisas estavam e iam se constituindo. Logo, o que estava sendo ia se interrompendo, primeiro nos educadores, em seguida no espaço-tempo da educação municipal.

As relações que se afirmavam tornavam móveis e vazios os espaços. Em atenção e aberto aos sinais que o trajeto oferecia, o prof. Sergio Schweder, do Departamento de filosofia da Universidade Federal do Espírito Santo, com sede em Vitória, capital, elaborou um projeto de extensão e veio errar conosco e com alguns professores, visto que as escolas de ensino fundamental iam se interessando. Foram realizados seminários municipais de educação. Professores convidados traziam uma proposta de educação e em seu bojo uma disposição para o pensamento filosófico.

E, muito ousadamente, em 2007, foi elaborada a formação continuada: “filosofia para crianças: educando para o pensar – comunidade de investigação”. Esse curso alcançou aproximadamente 400 professores de educação infantil e ensino fundamental séries iniciais. Para nós, foi um movimento significativo e nossa proposta era que esses profissionais pudessem atuar nas escolas para “experienciarem” as aulas de filosofia e implantar as Comunidades de Investigação do pensamento em todas as escolas.



Eu vi este lugar de dentro. Em 2007, eu fiz parte da formação continuada. Interrompemos nosso querer e fazer em um período de feriado nacional e nos deslocamos. Nos demos lugar para acontecer. Experimentamos uma novidade onde a educação presente se fazia ausente pela oportunidade do pensar juntos e em diálogo. Onde o professor presente se ausentava na perspectiva do pensar coletivo e da liberdade do caminhar em diálogo que se apresentava como de, para e com todos (SILVARES, professora e pedagoga).

Outros cursos e formações foram pensados a partir daí, e na Secretaria de Educação passou a ter uma coordenação com o fim de dar suporte às educadoras que fossem ministrar a então disciplina de filosofia nos Centros de Educação Infantil Municipais e também nas escolas de Ensino Fundamental que haviam aderido ao programa. O assunto foi levado ao Conselho de Educação Municipal, que estudava os meios de tornar tal aspiração possível.

Com a expansão e interiorização das Universidades Federais, durante o Governo Lula, São Mateus recebe o Ceunes (Centro Universitário Norte do Espírito Santo) em 2006 e, em 2009, é instalado o Departamento de Educação e Ciências Humanas que, paulatinamente, se acerca também da realidade educacional de seu entorno. Assim, em 2011, dois docentes desse Departamento, Jair M. de Paiva e Maria Alayde A. Salim, se aproximam da rede municipal, visando conhecer a experiência do ensino de filosofia no município.

A partir desse movimento, propõem, em conjunto com a Secretaria de Educação, e a partir de um diagnóstico das professoras envolvidas, o projeto de extensão intitulado “Nortes da Filosofia: Formação Continuada, Currículos e Cotidianos de professores e professoras de Filosofia na Educação Básica da Rede Municipal de São Mateus, ES”, visando colaborar com a rede municipal através de cursos de extensão, eventos acadêmicos e outras ações de formação continuada.

Esse foi um momento da viagem em que se deu um encontro com outros corpos, pensamentos e escritos, compondo outro tempo espaço, conforme palavras de Kohan (2016, p. 330): “para mudar e interromper a vida onde ela não é vida, para permitir o nascimento de uma outra vida, nova, inexistente até o presente.”

Vimo-nos, então, como sujeitos do conhecimento que, ao se esvaziar em errância, constituem-se sujeitos da experiência, da atenção. Homens e mulheres, professores que se dispunham como um “[...] território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns vestígios, alguns efeitos” (LARROSA, 2002, p. 24). Assim, abrimo-nos a outras paisagens...

## **2.1 As Experiências do Errar – Vivendo de Viagens**

A filosofia em errância se apresentou para nós como aquele lugar para onde íamos e de onde retornávamos sempre. Um lugar onde viver é conhecer e conhecer é pensar a própria vida que vai se tendo, por onde se vai para ser. Aprendemos a estar de viagem. Nesse caminhar sem um trajeto pronto, sem um guia de percurso,

nos surpreende a história dos lugares e dos sujeitos que habitam os trajetos ou que estão neles em movimento.

A Associação Nova Esperança foi, em 1998, o espaço que nos marcou, nos fez pensar que são possíveis outros modos de educação e de infância. Um espaço-tempo de infâncias (no sentido de começos) com crianças que não sabiam nem reconheciam a história daquele lugar e por não se compreenderem parte das experiências, em (des) afetos destruíam o espaço, desrespeitavam regras de convivência, sabotavam de todas as maneiras as atividades que eram oferecidas na intenção de mudar/transformar as vidas. O que se passava nos espaços-tempos da educação não as tocava, não as afetava por não lhes trazer significado, nem acesso ao viver a educação, a infância que lhes era própria, pois sem “a experiência e o saber que dela deriva *não há apropriação* de nossa própria vida” (LARROSA, 2002, p. 27, *grifo nosso*).

As crianças eram oriundas de famílias de baixa ou de nenhuma renda. Então, Nova Esperança deveria ser como um refúgio para eles. Mas, não era bem assim que eles viam aquele espaço. Viam apenas como uma família de italianos que vinha ali para impor limites e regras quase impossíveis de cumprir, tanto pelas crianças quanto pelos adultos ligados ao trabalho.

As sessões semanais de filosofia foram estabelecidas como um lugar de escuta, de desabafo e também de conhecimentos e de desejos comuns. Foram muitas histórias de vida conhecidas devido ao movimento *infantil* de sentimentos expostos na berlinda das rodas formadas pelas crianças, adolescentes, monitores de jardinagem e horticultura, de corte e costura, bordados... Todos vinham pensar em conjunto sobre temas gerados pelas leituras das novelas Lipmanianas ou de outros autores, como fábulas, fragmentos de filmes, poesias, músicas, quadros de artistas e outros muitos portadores de texto. Tudo virava filosofia.

Uma das recordações mais lindas foi quando estávamos ainda em período de adaptação das crianças de 3 anos, e que uma menininha, que não me recordo o nome, estava grudada ao pescoço da professora, que também participava da roda de filosofia, fez um comentário que demonstrou a nós, professora e eu, que as crianças mesmo em sofrimento, aparente desordem, estão ligados ao que está sendo proposto se isso é do seu interesse. Aquela criancinha chorava copiosamente por estar com saudades de sua mamãe, mas estava ligada ao que estava sendo debatido. Eu havia proposto uma observação dos tipos de casas que elas encontravam no trajeto entre suas casas e a escola. E eles por sua vez iam citando o que tinham visto: pessoas que faziam da ponte suas casas, das marquises das lojas e por aí... casas grandes ou pequenas, bonitas ou feias... e aquela menininha que eu julgava sem participar da aula, exclamou, entre lágrimas e entrecortadamente: *'e a árvore é a casa da formiga...* (FURINI, professora e pedagoga).

Aquela criança fez uma relação que demonstrava uma elaboração de pensamento além daquilo que estava sendo proposto, provando que as crianças podem, sim, ter um pensamento *cuidadoso*, como sustenta Lipman sem seus livros e pesquisas, podem romper com o estabelecido, recriando e resistindo à realidade.

A resistência, por outro lado, aponta para o fato de que não há de se esperar quem nos carregue, quando o desejo do errar nos impulsiona em nossa insatisfação com a beira da estrada e com a maquiagem que a poeira acumulou. Praticar outras formas de educação é se colocar em movimento, deslocar-se de seu fazer, de seu ser, de seu saber, reconhecendo-se um sujeito em contínuo estado de ignorância, em mobilidade construtiva, constitutiva.

Em meus encontros com a filosofia e a infância já vivenciei momentos únicos. Lembro-me das aulas, revivo-as sempre como um abrigo em minha falta de chão. E agora, pensando se me arrependo dos movimentos que fiz, me veio à memória o dia em que na roda de conversas falávamos da importância do pensar, porque um aluno tinha ocasionado um pequeno acidente no recreio e todos diziam que só aconteceu porque ele não pensou antes de fazer e agora se arrependeria, tarde demais, na coordenação da escola. Crianças de 07 anos, conversando sobre pensar e arrepender-se iam fazendo suas relações, em um diálogo de acordos e discórdias pensantes. Liberdade no pensar e expor-se. Quando um aluno pede a vez e diz que *'tudo é uma questão de pensar bem. Só se arrepende quem cometeu o erro de não pensar'* (SILVARES, professora/pedagoga).

A nossa resistência se apresenta nos movimentos que fazemos, na insatisfação que nos desloca, que nos distancia do lugar seguro do lar, numa inquietude que nos remete sempre a uma nova forma de pensar, um novo e contínuo começo. Sem arrependimentos, porque ao vermos os espaços e seus habitantes produzindo e vivendo afetos, compreendemos a relação da educação, da infância e da filosofia como o território onde passar e acontecer se fazem no formar e transformar da existência pelo pensar e saber.

### 3 | SEMPRE EM ERRÂNCIA – DESLOCAR –SE SEMPRE... E SEMPRE

Estar em errância é disposição, é exposição onde os *chãos* que encontramos só nos tornam exilados. Não nos acostumamos com a residência, com o abrigo oferecido, pois eles sempre nos serviram de passagem para ir mais além. Superamos o sedentarismo do ensinar e aprender em errância. Compreendemos a dinâmica nômade na qual quem ensina precisa desejar estar e se atrever a viver.

Errar é um estar atento, é um movimento cuja vida é encontrada nas viagens que o olhar realiza quando se desloca de seu panorama comum e familiar. É errar no vislumbre de outros lugares, de outros sujeitos e de todas as possibilidades que o caminho do pensamento propõe à própria existência. Estrangeiros, sempre resistimos a todo *estar* e *ser* educação que rejeita a liberdade do pensar e do saber aberto a todos, seja através da crítica ou da investigação em cooperação entre as infâncias das crianças e nossas.

Deslocar-se em novos formatos... Compreendemos que uma nova identidade da educação e da infância se faz primeiro em nós, no quanto estamos dispostos a perder de nosso para ir nos tornando outros na esperança de que outros vivam a experiência, o afeto do ensinar e aprender em diálogo, em encontros do e para o

pensar o pensamento.

Outras mãos, outros pés e outras mentes vieram trazer novos saberes e produzir novos fazeres a este mover de pensares em infância, que vai seguindo em outros nascimentos. Nascimento que irrompe da novidade, do estar, ser, fazer, pensar novo.

Ensinar e aprender é educar-se, em movimento... Do corpo, do olhar nas trilhas em que se constituem os sujeitos da experiência, os sujeitos da atenção. Experimentar é interromper-se no padecer e acontecimentos que o olhar atento expõe do presente que se apresenta e suas urgências em nos convidar a ser/estar em trans/formação, conforme Larrosa (2002) nos inspira.

Que a filosofia continue com os ares da infância, com os (não) saberes da Infância, e com o encanto da infância. Na infância reside o encantamento, o afago, o amor desvelado, tão próprio aos amigos da sabedoria. Próprio da Infância que é nossa... Da criança, do adulto... Da educação.

Ao deslocar o olhar em atenção a tudo que se faça desenho de um roteiro vivido em errâncias o desconforto nos inquieta, nos confronta, mas olhando pelo retrovisor das vivências decorridas, percebemos o quanto já foi caminhado, entendemos que estar em movimento é uma urgência desse pensamento que não se satisfaz nas estadias permanentes, e que se desloca sem saber como e por que ou para onde estamos a caminhar.

Estar em movimento, deslocar-se é uma necessidade de se fazer um com o caminho, não apenas olhá-lo em sobrevoos, mas empoeirar-se com as múltiplas possibilidades ao longo da estrada. Não é um caminho fácil, muitas vezes entram pedras nos sapatos, as correias se gastam, mas, ao mesmo tempo, há uma alegria nas descobertas que provocam um deslumbramento pelo universo que nos penetra pelos olhos e se encarna em nossos corpos, fazendo-nos não mais viver em concordância com os saberes fabricados e que vêm com “manual de instrução”.

Pouco a pouco o movimento vai tomando ares de uma errância criadora, com a academia (universidade) provocada a igualar as inteligências pelo pensar e fazer escola, na voz das infâncias que ecoam e tomam os espaços.

Assim, é a trajetória dessas duas décadas de experiências de pensamento, inicialmente pensada solitária, mas que hoje já provam que uma andorinha pode, sim, começar um verão, um só não, vários verões. Jornada robusta, cheia de intenções e permeada de resistências às várias investidas de interrupção desse caminhar.

Estamos de viagem. Vamos em errância, resistindo, quiçá criando, sendo recriadas. A estrada é generosa e nos oferece a experiência como o espaço-tempo de aproximações e distanciamentos entre a educação, a filosofia e a infância, portanto, um trajeto de acontecimentos em que sair nem sempre é mudar de chão. Parafraseando Mia Couto, se depois não há mais cidade. “Se não há mais lugar nenhum. É exatamente aí que nós vamos”.

## REFERÊNCIAS

BORBA, Siomara; KOHAN, Walter. *Filosofia, aprendizagem, experiência*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

KOHAN, Walter. Inventamos ou erramos: um princípio para pensar a dimensão filosófica da educação? *Itinerários de Filosofia da Educação*, v. 13, p. 326-338, 2016.

\_\_\_\_\_. *Infância*. Entre educação e filosofia. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2005.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, Jan./Fev./Mar./Abr. 2002.

LIPMAN, Matthew. *A filosofia vai à escola*. São Paulo: Summus, 1990.

MASSCHELEIN, Jan. E-ducando o olhar: a necessidade de uma pedagogia pobre. *Educação e Realidade*, v.33(1), p. 35-48, 2008.

## **SOBRE O ORGANIZADOR**

**WILLIAN DOUGLAS GUILHERME** Pós-Doutor em Educação, Historiador e Pedagogo. Professor Adjunto da Universidade Federal do Tocantins e líder do Grupo de Pesquisa CNPq “Educação e História da Educação Brasileira: Práticas, Fontes e Historiografia”. E-mail: williandouglas@uft.edu.br

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Alfabetização 62, 65, 66, 69, 70, 71, 73, 74, 75, 77, 88

Alteridade 22, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 69, 109, 117, 119, 121, 122, 123, 124, 126, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140

Amor 27, 30, 32, 45, 55, 92, 111, 117, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131

Astronomia 6, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 21

Ateliê Conatus 87

### C

Comando 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 119

Cotidianos 42, 47, 48, 51, 53, 57, 60, 97

Crianças 34, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 71, 72, 73, 76, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 98

Currículos 42, 47, 48, 51, 53, 54, 57, 60

### D

Descobrimento 22

Didática 20, 22, 56

Discurso De Ódio 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32

### E

Educação 13, 17, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 31, 32, 34, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 51, 53, 54, 56, 57, 60, 61, 62, 67, 70, 74, 78, 79, 80, 81, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 93, 94, 95, 151, 153

Errância 34, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 42, 44, 45, 47, 48, 53, 60

Escrileituras 87, 88, 89, 90, 91, 93, 94

Esperança 14, 20, 40, 41, 43, 44, 57, 74, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 105, 106, 107, 108

Estado 12, 14, 21, 34, 36, 37, 40, 41, 44, 53, 54, 61, 78, 81, 87, 89, 97, 99, 100, 109, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 126, 142, 150

Ética 21, 23, 26, 27, 29, 30, 31, 33, 50, 51, 92, 94, 95, 96, 106, 108, 109, 110, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 122, 123, 125, 126, 130, 131, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140

Ético 30, 49, 109, 110, 115, 121, 122, 123, 124, 125, 128, 131, 137, 138, 139, 140

Existência Humana 11, 13, 17, 18, 79, 123

Experiência 16, 24, 28, 30, 31, 32, 34, 35, 36, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 50, 51, 54, 55, 56, 60, 61, 62, 68, 71, 72, 73, 74, 79, 80, 83, 84, 85, 86, 89, 93, 98, 132, 133, 136, 139, 140, 147, 148, 149, 151



## **F**

Favela 96, 98

Fenomenologia 83, 84, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140

Filosofia 6, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 60, 61, 74, 87, 88, 89, 90, 93, 94, 102, 106, 109, 117, 119, 121, 122, 123, 124, 127, 128, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 144, 150

Filosofia Com Crianças 34, 37, 39

## **I**

Indústria Cultural 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 151, 152

Infância 34, 35, 36, 37, 38, 39, 43, 44, 45, 46, 53, 60, 80, 84

Infinito 32, 106, 109, 110, 111, 114, 115, 116, 119, 120, 121, 122, 125, 126, 130, 135, 137, 138, 139, 140

Interdisciplinaridade 6, 11, 14, 17, 20

## **J**

Justiça 81, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 121, 122, 123, 125, 126, 127, 128, 129

## **L**

Lévinas 24, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 130, 140

liberdade 18, 34, 40, 42, 44, 59, 68, 72, 92, 94, 101, 111, 112, 113, 117, 118, 121, 122, 123, 125, 126, 127, 128, 129, 135, 150

Liberdade 44, 57, 108, 130

## **M**

Medo 18, 24, 27, 28, 29, 31, 32, 56, 60, 65, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 105, 106, 107, 108, 111, 112, 146

## **N**

Novas Mídias 142, 143, 149

## **O**

ONG 7, 96, 98, 99, 100, 105, 106, 107, 108

## **P**

Poesia 57, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73

Política 13, 24, 28, 30, 98, 102, 114, 118, 142, 146, 150, 151

## **S**

Subjetividade 25, 28, 29, 49, 61, 82, 83, 85, 96, 113, 114, 116, 117, 119, 121, 122,

123, 124, 125, 130

## T

Transcendência 110, 121, 122, 123, 124, 125, 127, 128, 129, 130, 135, 140

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-683-6

